

A biblioteca comunitária como agente de inclusão/ integração do cidadão na sociedade da informação

Geraldo Moreira Prado¹

Professor da Pós-Graduação em Ciência da Informação (Conv. CNPq/IBICT-UFRJ/ECO).

Historiador, Ms e doutorando em Ciência (Desenvolvimento Agrícola) pelo CPDA/UFRRJ.

E-mail: gprado@omega.lncc.br

Resumo

Este ensaio tem como objetivo discutir o sentido do discurso da biblioteca comunitária como território de memória no processo de inclusão/integração social da sociedade da informação, fazendo breve contraponto com o sentido do discurso de tempos atrás sobre o conceito de marginalidade social. Em linhas gerais chama atenção para a temporalidade do tema estudado no âmbito da biblioteconomia e da ciência da informação. A questão da leitura desempenha sem dúvida uma função estratégica básica no modelo de biblioteca comunitária que permeia todo o ensaio. O texto levanta e/ou questiona aspectos importantes da modernidade, tais como as pesquisas nacionais do livro e da leitura, o não compromisso social de alguns segmentos da sociedade brasileira e em linhas gerais o impacto da tecnologia sobre a vida humana.

Palavras-chave

Biblioteca comunitária. Inclusão social. Sociedade da informação. Leitura. Política cultural. Território de memória.

The community library as an agent of inclusion/integration of the citizen into information society

Abstract

This essay aims to discuss the meaning of the discourse of community library as an area of memory in the process of inclusion/integration of Information Society, making a brief counterpoint to the sense of previous speech about the concept of social marginality. Generally attention is called to the temporality of the subject studied in the context of Library and Information Science. The reading issue undoubtedly plays a basic strategic role in the model community library that permeates throughout the essay. The text raises important questions on aspects of modernity, such as national surveys of books and reading, the social non- commitment of some segments of Brazilian society and outlines the impact of technology on human life.

Keywords

Community library. Social inclusion. Information society. Reading. Cultural policy. Territory of memory.

¹ Geraldo Moreira Prado é graduado em história pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e Ph.D em ciências sociais aplicadas (Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); pesquisador do CNPq e do IBICT e professor de Metodologia das Ciências Sociais, Epistemologia e História da Ciência do Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) em Ciência da Informação (convênio IBICT/MCT-UFRJ). Professor palestrante (2007) do Centro de Estudos Culturais da Embaixada Brasileira/Univerdidad San André - Buenos Aires, Argentina. Nos últimos anos vem realizando estudos e pesquisa sobre bibliotecas comunitárias e popularização da C&T no Brasil. Tem vários trabalhos (comunicação em congressos, palestras, capítulos de livros e artigos científicos) publicados no Brasil e no exterior.

INTRODUÇÃO

*A imaginação não é inventar as diversas
contrariedades que têm naturalmente
no coração de cada pessoa.*
La Rochefoucauld, Máximas, 478

Partindo do epígrafe acima, o objetivo deste estudo não é inventar as diversas contrariedades que têm naturalmente o objeto do ensaio, mas analisar o sentido do discurso da biblioteca comunitária na contemporaneidade do discurso sobre a problemática da inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação. Explicação do objetivo: no desenvolvimento do texto, pretende-se discutir qual é o verdadeiro papel que a biblioteca comunitária exerce no processo da inclusão/integração social no Brasil.

Mas antes de entrar no âmbito da discussão do tema central, deve-se anunciar que o sentido do discurso sobre a problemática da inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação que vem sendo utilizado no campo da política social brasileira como novo na realidade não o é. E por que continuar escrevendo sobre um assunto que só é novo na aparência, depois de tanta gente já ter escrito sobre o tema?

A resposta à questão é a seguinte: o sentido do discurso contemporâneo da inclusão social apresenta a mesma face do sentido do discurso dominante do passado cujo fato social (como sinônimo de coersão social: Durkheim, 2002) em condições impossíveis de decifrá-lo, era o sentido do tradicional discurso sobre a marginalidade social. Mas também não podemos deixar de considerar a importância que tem a linguagem como “termômetro” das mudanças sociais, nesta relação de aparência entre o discurso atual e o passado.

Prado e Machado (2008) dizem que “à medida que a sociedade se transforma, percebemos na linguagem o surgimento de novas expressões que vão contribuir com a lingüística e a semiótica para acompanhar de forma rigorosa esse fenômeno”.

Se, de certo ângulo, continuam os autores, “podemos dizer que essa flexibilidade e reconstrução permanente são ricas, pois estão sempre criando novos sentidos para a vida e para as relações sociais, por outro lado, muitas vezes causam problemas sérios de sentido e compreensão do mundo”.

O DISCURSO FUNDADOR DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA COMO TERRITÓRIO DE MEMÓRIA

Diferente da problemática anteriormente citada é o sentido do discurso fundador sobre o compromisso social da biblioteca comunitária como território de memória no âmbito da biblioteconomia e da ciência da informação. A justificativa de classificá-lo aqui de discurso fundador é por considerar o aspecto lingüístico e a historicidade como constituintes de um tipo do objeto estudado (a biblioteca comunitária) que começou a ser discutido no cenário nacional a partir do VII Enancib realizado em Marília-SP, em 2006². Dando continuidade à análise deste objeto, surgiram outros estudos, como projetos de pesquisa³, tese de doutorado⁴, capítulo de livro⁵, artigos em revistas⁶, comunicações e

² RIBEIRO, Diego Lemos e PRADO, Geraldo Moreira. O Cenário da Dinâmica Pragmática da Informação. A comunicação tomou como base a experiência da Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado, realizada no povoado de São José do Paiaí -Bahia. In: VII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Marília, SP, 2006. Disponível em:

<http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewabstract.php?id=249>.

³ PRADO, Geraldo Moreira. Pesquisa (concluída) Bibliotecas Comunitárias no Semi-Árido Brasileiro: Miniterritórios de Memória da Inclusão Sócio-Cultural. Edital 5020/06 de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, processo 401677/2007-9. BSB, CNPq, 2007.

⁴ MACHADO, Elisa Campos. Bibliotecas comunitárias como práticas sociais no Brasil. Tese apresentada à Escola de Comunicação e Arte da USP sob a orientação do Prof. Dr. Waldomiro de Castro Santos Vergueiro. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/>

⁵ PRADO, Geraldo Moreira. Biblioteca comunitária: território de memória, informação e conhecimento. In: Desafios do impresso ao digital: questões contemporâneas de informação e conhecimento. Gilda Maria Braga e Lena Vania Ribeiro Pinheiro (Orgs). UESCO/IBICT, Brasília, 2009 (a).

⁶ PRADO, Geraldo Moreira. Bibliotecas comunitárias como território de memória interagindo práticas da aprendizagem e mudanças. In: DataGramZero - Revista de Ciência da Informação - v.10 n.6 dez/09 COLUNAS. Disponível em: http://www.datagramazero.org.br/dez09/F_I_com.htm; (b)

palestras apresentadas em eventos nacionais⁷ e internacionais.⁸

Nas discussões já referidas, a biblioteca comunitária, quando considerada território de memória, atua como um sujeito ativo que desempenha um papel fundamental como espaço ideal de leitura, educação, organização social, cidadania, desenvolvimento sustentável, transferência da informação, linguística/dialogismo etc., e não como um organismo voltado aos interesses exclusivos de quem a dirige. Porque se ela for apenas um espaço fechado, deixa de ser uma biblioteca comunitária e as suas funções tornam-se as de uma biblioteca privada cujo dono (mesmo que a gestão seja compartilhada com outras pessoas) a gere de acordo com os seus interesses pessoais e/ou do grupo ao qual pertence.

Ao contrário desse modelo, aquelas ainda poucas bibliotecas comunitárias existentes no Brasil que atuam como território de memória são espaços abertos à participação democrática de todos, e o livro e a leitura, além de ter a função do prazer dos seus usuários, são usados, sobretudo, como suportes informacionais voltados à libertação da mente humana. Neste sentido, elas são de extrema importância porque estão criando as condições essenciais para trazer segmentos sociais que estão fora do processo produtivo moderno a se integrarem nas discussões sobre o que eles representam no processo das mudanças sociais no contexto da sociedade da informação no país. Segundo Prado

e Machado (2008), essas bibliotecas “brotam” do coração das comunidades periféricas das zonas rurais e das zonas urbanas do país, num movimento engajado de grupos organizados ou de indivíduos que reúnem esforços no sentido de abrir espaço público para ampliar o acesso à informação, à documentação, à leitura, ao livro, ao conhecimento e ao debate sociocultural.

Essas experiências vêm se ampliando (embora ainda timidamente) em todo o país, como mostra a Rede Brasil de Bibliotecas Comunitárias (http://rbbconexoes.ning.com/forum/topics/o-compromisso-social-da?commentId=4489276%3AComment%3A1324&xgsources=msg_com_forum).

Entretanto, é comum também encontrar por este país afora pessoas físicas e também jurídicas que mantêm as suas bibliotecas (ou depósitos de livros) com as portas permanentemente fechadas ao público e com livros, na maioria das vezes, obsoletos, rasgados, sem capas e jogados desordenadamente por todos os lados. Esse tipo de biblioteca não tem nenhuma serventia nem tampouco compromisso social. Ao contrário, ela representa um falso discurso e uma falsa praxidade do trabalho social materializado na promoção da pessoa (física ou jurídica), e a negação da função da biblioteca comunitária como agente de inclusão/integração social.

“UMA VIAGEM INVENTADA NO FELIZ”

Algumas experiências existentes no país já podem ser enquadradas no modelo aqui preconizado de biblioteca comunitária como território de memória comprometida com a inclusão/integração social na sociedade da informação. As experiências que mais me chamaram atenção foram as leituras feitas na perspectiva de compreensão/interpretação dos problemas que a comunidade enfrenta no seu cotidiano, e o exemplo mais significativo até então identificado é o do grupo de *hip hop* “Força Ativa” da Biblioteca Comunitária Solono Trindade no bairro Cidade Tiradentes, periferia da cidade de São Paulo. Em todas as letras das músicas desse grupo faz-se um alerta à comunidade sobre a

⁷ PRADO, Geraldo Moreira e MACHADO, Elisa Campos. **Território de memória: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária.** In: IX ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. São Paulo, SP, 2008. Disponível em: <http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/eventos/ix-enancib-encontro-nacional-de-pesquisa-em-ciencia-da-informacao>; MACHADO, Elisa Campos. Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil. X ENANCIB, João Pessoa, PB, 2009 e PRADO, Geraldo Moreira (Palestra). O Compromisso *Social da Biblioteca Comunitária como Território de Memória.* X ENANCIB. João Pessoa, Pb., 2009 (c). Disponíveis em: http://dci.ccsa.ufpb.br/xenancib/arquivos/oral_gt3.pdf ;

⁸ PRADO, Geraldo Moreira. Les bibliothèques communautaires brésiliennes, carrefours de la mémoire et de l'apprentissage. Texto selecionado para participar do 17eme congrés de la Societé française des sciences de l'information et de la communication. Dijon, 23 26 juin 2010.

importância da leitura como meio de informação e de conscientização, conforme podemos observar nas duas estrofes que vêm a seguir:

A primeira estrofe: refrão da letra “Rimar para a Prevenção” de Tito e Akin. Núcleo Cultural Força Ativa/Biblioteca Comunitária Solano Trindade:

*Cada fio do meu cabelo é um livro que já li
Para agir tem que falar
Para falar tem que ouvir
Para ouvir tem que ler
Para ler tem que agir.*

A segunda estrofe: trecho da letra “Vamos ler um livro” de Betinho. Núcleo Cultural Força Ativa/Biblioteca Comunitária Solano Trindade:

*Milhares de livros estão ao seu alcance
Mas você não quer saber
Sua ideia é fraca a todo instante
Você só fala besteira
Não tem autoestima, meu irmão
Procure ler um livro, a fonte de informação.*

Outro aspecto – este provocado pela emoção que pode levar a pessoa a reagir, às vezes, até irracionalmente – foi a sensação que tive ao assistir à matéria do Jornal Nacional de 26/04/2008⁹, sobre a Biblioteca Comunitária em São José do Paiaí - Nova Soure, Bahia. Naquela reportagem se percebe nas falas e nas expressões das pessoas entrevistadas – tanto as crianças quanto os adultos – que ao fazerem a leitura de um livro se sentem como se estivessem fazendo, parafraseando Guimarães Rosa “uma viagem inventada no feliz”.

Não podemos, como diz o ditado, ‘tapar o sol com a peneira’, pois é notório que o índice de analfabetismo dos brasileiros historicamente foi e continua sendo, segundo o IBGE (2005)¹⁰ de 11,1, o que é ainda muito alto para um país como o Brasil, com o padrão de desenvolvimento econômico e a postura internacional que vem assumindo na última década. Certamente o enigma a decifrar sobre o

fenômeno do baixo índice de leitura no Brasil esteja relacionado com o problema exposto anteriormente.

É comum ver pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas, que, por desconhecer a importância não apenas da leitura, mas da organização social autônoma para a formação do cidadão, pouca relevância dão a iniciativas como as relatadas. Essas pessoas tampouco estão preocupadas com a inclusão/social e se utilizam de um discurso fundamentado no argumento da não cientificidade desse tipo de organização social. Procuram justificar seus argumentos em relação ao ‘baixo’ nível de leitura da população brasileira lançando mão, inclusive, de matérias publicadas na mídia internacional sobre a “aversão dos brasileiros aos livros”¹¹ e que o brasileiro lê, em média, 4,7 livros por ano¹².

DO LADO DO SUJEITO UM ENIGMA A DECIFRAR: O PROBLEMA DA LEITURA NO BRASIL

Se formos analisar detalhadamente quem está mais preocupado em mostrar os dados anteriores, facilmente se chega à conclusão que são o alto escalão do Poder Executivo brasileiro e, principalmente os representantes de várias entidades representantes do mercado editorial¹³. A partir dessa constatação, acho que chegou a hora de pensar em decifrar o enigma que compõe o título deste item, formulando uma questão para ser refletida/discutida pelos possíveis leitores deste ensaio. Será que é o brasileiro que lê pouco ou é o comércio de livros que está vendendo muito pouco?

Seria muito fácil sanar um problema estrutural, se houvesse apenas uma questão como a que foi colocada anteriormente para resolver. A leitura no Brasil tem inúmeros outros fatores já discutidos e não resolvidos em milhares de estudos; logo, fica impossível de todos eles serem abordados aqui, mas dois deles são bastante polêmicos e devem ser

⁹ Ver <http://www.youtube.com/watch?v=auhkbvpezHU>

¹⁰ Analfabetismo no Brasil. Disponível em: http://www.afrobras.org.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=3122

¹¹ Leitura no Brasil é uma “vergonha”, diz “The Economist”.

Disponível em <http://biblio.crube.net/?p=950>.

¹² Retratos da Leitura do Brasil. Disponível em:

<http://www.cultura.gov.br/site/2008/05/28/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil/>

¹³ idem.

ressaltados: a) os conceitos de letramento e de leitura e; b) as diferentes argumentações sobre a leitura a partir do advento do computador nas escolas. Quanto à questão “a”, a polêmica é de ordem essencialmente teórica e se refere aos conceitos de letramento e de leitura. E onde está a diferença entre letramento e leitura? De acordo com as definições dos dicionaristas, letramento é a representação da linguagem falada por meio de sinais, ou seja, a escrita.

A leitura, segundo Saussure (1945) é a face do signo lingüístico que corresponde ao *conceito* ou a aquilo que está sendo dito: a interpretação do significante, impressão psíquica do texto lido. Por exemplo, a palavra ‘desenraizado’ significa arrancar o mato da terra, tirar as pessoas do seu lugar de origem, ou seja, migrar, retirar, sair sem destino certo por diferentes motivos, que podem ser sociais (problema da miséria), políticos, culturais ou mesmo individuais. No caso da polêmica sobre a questão “b”, a polêmica está no fato de se tratar de um fenômeno ainda em construção nas ciências pedagógicas e sociais brasileiras, ou seja, o uso do computador como suporte de leitura.

Fica difícil, de fato, questionar tal importância, mas as polêmicas, às vezes fundamentadas em metodologias científicas, continuam existindo. Existem correntes que aplicam a prática pedagógica do uso do computador na sala de aula e afirmam que o seu uso “permite que o aluno, através da máquina, desenvolva o aprendizado do *word* 97 e internet, tornando-se, ao mesmo tempo, melhor qualificado para o trabalho”(Bavo, 2002). Este é outro problema sério que me obriga levantar outra questão para os meus hipotéticos leitores refletirem. O fato de o indivíduo estar qualificado para o trabalho e dominar todas as ferramentas modernas da Web o faz ser um cidadão consciente e “engajado” com a filosofia da leitura, nos moldes defendidos pelos grupos que atuam nas organizações de bibliotecas comunitárias como território de memória? Suaiden (2006), por exemplo, argumenta que o simples fato do computador na sala de aula não leva o usuário a ter *um crescimento do acesso à informação*.

Mas digamos: se a biblioteca comunitária, no molde aqui defendido, fosse apenas um lugar de leitura e de simples transferência mecânica de informação não seria algo simples, porque ela é composta de livros que são produtos não apenas da força de trabalho, mas também da inteligência humana. E porque um livro também não é fácil de ser produzido, pois além de incorporar seu lado mercadológico, incorpora as características de ser o registro de todos os conhecimentos que regeram a vida humana e, dependendo da forma como é lido pelo seu usuário, contribui para o desenvolvimento da sua inteligência.

Neste sentido, a produção de um livro tem faces distintas: as já descritas e a do fetiche de qualquer outra mercadoria, produto da divisão social do trabalho, como estudado por Adam Smith em *A Riqueza das Nações* e aperfeiçoado por Marx em *O Capital*. Marx (1972) reforça a tese do seu antecessor sobre o fetiche da mercadoria, ao dizer que numa primeira aproximação ela “apareceu-nos sob um duplo aspecto: valor-de-uso e valor-de-troca”. A partir dessa relação aparentemente simples, continua Marx, “todas as características que qualificam o trabalho enquanto produtor de valores-de-uso desaparecem quando ele se exprime no valor propriamente dito”, isto é, quando entra no mundo da circulação da mercadoria, porque é exatamente aí que todo e qualquer produto derivado da força do trabalho humano adquire o seu valor de troca.

Mesmo considerando que, na perspectiva do capitalismo neoliberal, tanto o livro que continua com a sua função histórica de ser o principal suporte de valorização da palavra, do discurso e da informação sobre os conhecimentos referidos, quanto a transferência da informação incorporam as suas funções de valor de troca, de mercadoria igual a qualquer outra.

Já na biblioteca comunitária como território de memória, estas funções desaparecem, porque o livro e a transferência da informação estarão a serviço da inclusão, melhor dizendo, da integração social autônoma na sociedade da informação. Por que isto? Porque neste ambiente, como mostra

González de Gómez (1990; 118), a “informação só se completa num contexto de ação que lhe é externo e tem seus próprios ‘jogos’ de linguagem e representação com os quais constrói suas próprias dinâmicas de informação”. A transferência da informação não existe sem estar no centro das ações dos sujeitos sociais, que certamente manifestarão as suas emoções no processo da construção e da transmissão do conhecimento sobre os mais diferentes fenômenos do seu cotidiano, e não simplesmente sobre o domínio de uma ferramenta tecnológica, embora isto também seja importante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cupani (2004; 505), estudando os impactos da tecnologia no mundo atual, diz que ela “promete-nos alívio de tarefas penosas, esperança de termos uma relação mais rica com o mundo graças à fluência de dispositivos”. Cupani continua dizendo que “tudo isso vai acompanhado de sentimentos de perda, de pena e uma espécie de traição (a outro tipo de vida), pois as realizações que representavam libertação “parecem ser contínuas com a procura de frívola comodidade”.

O estudo de Cupani reforça a tese de que a biblioteca como território de memória é o lócus ideal para o indivíduo apreender as informações necessárias à formação da sua consciência cidadã. Para Cupani, são as ações dos homens e não os instrumentos tecnológicos (incluem-se aqui a transferência de informação) que irão definir a orientação que o cidadão deve tomar. Porque esses instrumentos, quando selecionados pelo próprio cidadão, vão lhe facultar um nível de inclusão/integração social sustentável, autônoma e não forjada por ingerências de ações imperativas externas.

Ribeiro e Prado (2006) dizem que se pode observar que existe uma disposição tácita de observar a transferência da informação como quem observa o deslocamento de uma substância física de um

pólo a outro. Sob este ponto de vista, a informação seria algo, uma “coisa”, quantificável e diretamente correlacionada ao seu tratamento e aos seus processamentos documentais. Em contrapartida, percebe-se também a tentativa de alargar a concepção de fisicalidade da informação imergindo nas relações sociais pessoais, de grupos, comunidade e da sociedade em geral.

É sabido que a leitura, na forma como propõe Paulo Freire, considera a linguagem humana como o principal signo da ação comunicativa. E talvez seja por isto que ela esteja ao mesmo tempo passando pelo processo mais acelerado de mudança e contribuindo pelo também acelerado processo de mudança da sociedade brasileira em sua totalidade. Assim, uma instituição com tais características pode ser – e é de fato – o local para refletir sobre, por exemplo, o fenômeno do desenraizamento cultural brasileiro provocado por vários motivos, inclusive pelo desenvolvimento tecnológico, como a migração, que vai provocar sérios problemas de desestruturação no seio da organização social do indivíduo, ou seja, da família.

E quem são esses indivíduos que vão sofrer as conseqüências desse desenraizamento? São exatamente os inúmeros josés, joãos, geraldos, severinos, robsons, sinhás vitórias, mariazinhas, anas, joaquins e joaquinas e muitos outros atores anônimos que historicamente se movimentaram cotidianamente no seu território ou em ‘inter e intraterritórios’ circunvizinhos, em uma temporalidade que está mais para o presente do que para o passado. Com a modernização tecnológica, esses atores passaram a se movimentar em fluxos migratórios mais constantes, tomando rumos distintos – um exemplo prático disto é própria vida do autor deste ensaio – em busca de outros mundos do trabalho, sendo que parte deles voltava e continua voltando aos seus locais de origem com alguns dos seus hábitos e/ou comportamentos culturais relativamente modificados.

REFERÊNCIAS

- BELKIN, N. J. Cognitive models and information transfer. *Social Science Information Studies*, Butterworth, n. 4, p.111-119, 1984.
- BOVO, Vanilda Galvão. O uso do computador na educação de jovens e adultos. *Revista PEC*, Curitiba, v. 2, n. 1, p.105-112, jul. 2001/jul. 2002. Disponível em: <http://www.bomjesus.com.br/publicacoes/pdf/revista_PEC/o_uso_do_computador_na.pdf>. Acesso em: abr. 2009.
- CAPURRO, Rafael. What is information science for?: a philosophical reflection. In: VAKKARI, Pertti, CRONIN, Blaise (Ed.). *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives*. London: Taylor Graham, 1992.
- CUPANI, Alberto. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. *Scientia Studia*, São Paulo, v. 2, n. 4, p.493-518, 2004. Disponível em: <http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/02_04_02_Cupani.pdf>. Acesso em: abr. 2009.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 2002.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O objeto de estudo da ciência da informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 2, jul./dez. 1990.
- MARX, Karl. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. V. 1.
- PRADO, Geraldo Moreira; MACHADO, Elisa Campos. Território de memória: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária. In: ENANCIB, 9., 2008. *Anais eletrônicos...* São Paulo: [s.n.], 2008. Disponível em: <<http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/eventos/ix-enancib-encontro-nacional-de-pesquisa-em-ciencia-da-informacao>>. Acesso em: abr. 2009.
- RIBEIRO, Diego Lemos; PRADO, Geraldo Moreira. O cenário da dinâmica pragmática da informação. In: ENANCIB, 7., 2006. *Anais eletrônicos...* Marília: [s.n.], 2006. Disponível em: <<http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewabstract.php?id=249>>. Acesso em: abr. 2009.
- _____. *A ciência da informação em ação: um estudo sobre os fluxos da informação no Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI)*. 2007. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.
- SAUSURRE, Ferdinand. *Curso de linguística general*. Tradución Amado Aloisio. Buenos Aires: Cosada, 1945.
- SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1999.
- SUAIDEN, Emir José. Emir Suaiden abre o I Congresso Brasileiro de Informação e Documentação Esportiva. *Ibict Notícias*, abr. 2006.